

CRISE

PIB Economistas esperam forte crescimento homólogo, impulsionado pelo efeito de base associado ao confinamento no início de 2021

Projeção Economia portuguesa cresceu 9,3% no primeiro trimestre



SÓNIA M. LOURENÇO

A economia portuguesa alcançou um forte crescimento no primeiro trimestre deste ano face à mesma altura de 2021, com a expansão do Produto Interno (PIB) a ultrapassar os 9%. É esse o cenário de todos os economistas ouvidos pelo Expresso, em antecipação aos dados que o Instituto Nacional de Estatística (INE) irá publicar no final deste mês. Um número impulsionado pelo efeito de base, já que no primeiro trimestre do ano passado o país esteve em confinamento. Já na comparação com os últimos três meses de 2021, o crescimento terá sido modesto. A guerra na Ucrânia ditou algum abrandamento, ainda pouco visível, mas que deve ganhar expressão. Um cenário mais adverso para o ministro das Finanças, Fernando Medina, que esta semana já depois do fecho deste edição – apresentou a nova proposta do Orçamento do Estado para 2022 (OE-2022).

As projeções dos economistas para a expansão do PIB em termos homólogos oscilam entre os 9%, do BPI, e os 9,8% do ISEG. Pelo meio, Santander e Católica-Lisbon apontam para 9,2% e 9,3%, respetivamente. A média destas projeções indica um crescimento de 9,3% face ao primeiro trimestre de 2021. Mas, “a comparação homóloga sofre o impacto do efeito de base, dado que nos primeiros meses de 2021 Portugal viveu sob um confinamento bastante restrito, devido à pandemia de covid-19, que restringiu a mobilidade e a atividade”, alerta Paula Carvalho, economista-chefe do BPI. “Em termos homólogos, há expectativa de um crescimento muito acentuado, mas

essencialmente por um efeito de base, ou seja, em igual trimestre do ano passado tivemos um pico pandémico que levou a restrições acentuadas na atividade económica, algo que este ano não se verificou”, aponta Pedro Brinca, professor da Nova SBE.

Já o crescimento em cadeia, ou seja, em relação aos últimos três meses de 2021, foi bem mais modesto. As projeções apontam para uma expansão entre 0,1% (BPI) e 0,7% (ISEG), com a Católica-Lisbon a antecipar uma expansão de 0,2% e o Santander de 0,3%. A média aponta para 0,3%, sinalizando “uma recuperação mais lenta do que seria de esperar para 2022 em face do conflito da Ucrânia”, considera Pedro Brinca. “A incerteza é invulgarmente elevada devido ao cúmulo de fatores que afetaram o primeiro trimestre: número elevado de pessoas em isolamento durante janeiro, preços da energia e inflação, e por fim guerra na Europa”, alerta João Borges de Assunção, professor da Católica-Lisbon.

Guerra na Ucrânia com impacto contido, mas confiança cai a pique

O que nos dizem os indicadores disponíveis? “Apontam para melhoria da atividade ao longo do trimestre, ainda que com mais moderação depois do eclodir do conflito” militar na Ucrânia, responde Paula Carvalho. Já uma nota de análise do Santander fala num trimestre com “um perfil dual, com os dois primeiros meses a sinalizarem uma recuperação e o mês de março a registar uma rápida deterioração da situação económica”. Mas poucos indicadores estão disponíveis para março, após o início do conflito, pelo que a leitura é ainda muito incompleta.

Um deles é o indicador diário de atividade económica, calculado pelo Banco de Portugal (BdP), que aponta

para uma variação no trimestre acima de 8% em termos homólogos. Contudo, “sugere uma certa estabilidade face ao trimestre anterior”, diz João Borges de Assunção. Ainda assim, olhando para a taxa trienal deste indicador, que traduz o crescimento acumulado num período de três anos, “é positivo observar que desde o início do ano tem estado numa trajetória de subida e está bastante acima de zero, mostrando que a economia já se encontra num nível de atividade que de forma consistente supera os níveis pré-covid”, vinca Pedro Brinca.

Destaque ainda, até fevereiro, para crescimento forte no volume de vendas no comércio a retalho e nos serviços, no volume de negócios da indústria e na procura turística, bem como nas trocas internacionais.

Quanto à guerra na Ucrânia, “para já o efeito mais negativo será via inflação, fazendo com que em termos reais o crescimento seja menos expressivo do que seria de esperar”, aponta Pedro Brinca. Mas, “não esperamos, em termos de produção real, que a guerra na Ucrânia tenha tido impactos negativos visíveis durante o primeiro trimestre. Só nos indicadores relativos a março poderá aparecer alguma coisa, eventualmente na produção industrial”, diz, por sua vez, António Ascensão Costa, professor do ISEG.

O impacto já é visível nos indicadores de confiança, sobretudo dos consumidores, “que recuou para níveis só verificados durante a primeira onda da pandemia, em março e abril de 2020”, aponta Paula Carvalho. É o reflexo do agravamento forte em praticamente todas as áreas do indicador, mas, sobretudo, na perspetiva de evolução futura dos preços. Com a inflação a dominar as preocupações das famílias, fruto da escalada dos preços, em particular energéticos e alimentares, esta componente “atin-

giu leitura máxima histórica desde início da série, em 1997”. Porém, “é sobretudo do consumo privado e exportações, e menor do investimento, dado que foi das componentes que melhor resistiu às sucessivas vagas da pandemia”, diz Paula Carvalho. António Ascensão Costa também aponta o consumo privado, e espera um contributo importante do investimento. E o Santander fala numa “expressiva recuperação do consumo face ao passado recente”, aponta António Ascensão Costa.

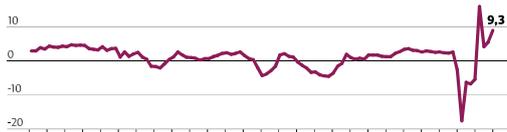
Em termos de vetores do crescimento do PIB no primeiro trimestre, em termos homólogos, consumo privado e turismo destacam-se. “Espe-

ramos contributos bastante favoráveis sobretudo do consumo privado e exportações, e menor do investimento, dado que foi das componentes que melhor resistiu às sucessivas vagas da pandemia”, diz Paula Carvalho. António Ascensão Costa também aponta o consumo privado, e espera um contributo importante do investimento. E o Santander fala numa “expressiva recuperação do consumo face ao passado recente”, aponta António Ascensão Costa.

Na frente externa, “o saldo positivo do turismo cresceu substancialmente em termos homólogos”, mas “o saldo negativo do comércio externo de mercado e turismo destacam-se. “Espe-

ECONOMIA PORTUGUESA CRESCE EM FORÇA, IMPULSIONADA PELO EFEITO DE BASE DO CONFINAMENTO EM 2021

Variação homóloga do Produto Interno Bruto trimestral em termos reais, em %



O valor para o primeiro trimestre de 2022 corresponde à média das projeções de BPI, Católica-Lisbon, ISEG e Santander

FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, BPI, CATÓLICA-LISBON, ISEG E SANTANDER

ATIVIDADE ECONÓMICA COM CRESCIMENTO EXPRESSIVO NO PRIMEIRO TRIMESTRE

Taxa de variação homóloga do indicador diário de atividade económica do BdP (média móvel semanal), em %



FONTE: BANCO DE PORTUGAL



Baixas por doença bateram recordes no primeiro trimestre

Em três meses, houve mais pessoas de baixa do que em 2020 e 2021. Apoios dispararam, sobretudo devido ao isolamento profilático da covid-19

Quase um milhão de trabalhadores estiveram de baixa nos três primeiros meses deste ano devido à covid-19, um número recorde que ultrapassa significativamente os subsídios por doença registados em 2020 e 2021. A despesa orçamental disparou, com o Estado a abrir mão de €218 milhões entre janeiro e março, quase tanto como em todo o ano anterior.

Com o reforço da vacinação e a atividade económica a retornar, lentamente, à normalidade, era de esperar que a despesa pública com a pandemia começasse este ano a baixar. Quando, em outubro, preparou a proposta de Orçamento do Estado para este ano, o Governo apenas antecipava gastar €400 milhões em todo o exercício de 2022 com a covid. Contudo, a variante Ómicron acabou por trocar as voltas às previsões. Chegados a março deste ano, os cofres públicos já gastaram os €400 milhões inicialmente previstos para todo o ano, com um segundo dado inesperado: mais de metade da verba foi consumida por subsídios de doença.

Olhando para as estatísticas divulgadas pela Segurança Social, ao todo, entre o início de 2020 e o final de março deste ano, o Estado tinha gasto €4,6 mil milhões em apoios covid. A esmagadora maioria das verbas destinou-se às empresas, através da participação no pagamento de salários aos trabalhadores (o chamado *lay-off* simplificado) ou subsídios à retoma da atividade empresarial. O grosso deste apoio público distribuiu-se por 2020 e 2021, anos em que as empresas foram mais dramaticamente apanhadas pela crise, com encerramento de portas e forte redução de vendas — para já, 91% das despesas estão concentradas nesses dois anos.

Baixas dispararam e absorvem 54% dos apoios

O arranque de 2022 esperava-se mais calmo, mas acabou por trazer surpresas. Entre janeiro e março houve 983.719 trabalhadores que estiveram de baixa devido à covid-19. Significa isto que em três meses houve mais pessoas de baixa do que em todo o ano de 2020 (358 mil) e em 2021 (719 mil). A esmagadora maioria meteu baixa por isolamento profilático, para salvaguardar a própria situação ou assistir a família, respeitando os restantes 24% a baixas diretas por doença.

Este número recorde tem, inevitavelmente, expressão na despesa. Em apenas três meses, o Estado pagou €218 milhões em subsídios de doença, quase tanto quanto os €231,4 milhões de 2021 e bem longe dos €125 milhões de 2020. Visto de outro ângulo, entre janeiro e março as

COMO SE DISTRIBUEM OS APOIOS COVID

Estado gastou €4,6 mil milhões em ajudas entre 2020 e o primeiro trimestre de 2022. Empresas têm fatia de leão

€1,19

mil milhões receberam, ao todo, as empresas para ajudar a pagar salários. O *lay-off* simplificado é, de longe, a medida que mais apoios públicos recolheu. A esmagadora maioria das verbas concentrou-se em 2020, com o Estado a dar €825 milhões a mais de 100 mil empresas

€777

milhões receberam 100 mil empresas ao abrigo do chamado Incentivo à Normalização da Atividade, que teve duas versões. Quando acaba o *lay-off* simplificado, as empresas recebem, genericamente, um ou dois salários mínimos por trabalhador. Este ano foram distribuídos €83,9 milhões

€502

milhões foi quanto o Estado desembolsou em 2021, ano em que o “apoio à retoma progressiva” foi criado, em agosto, para suceder ao *lay-off* simplificado. Em março deste ano estavam ainda abrangidas por este apoio 800 empresas

€558

milhões foi quanto o Estado desembolsou em baixas por isolamento profilático e por covid — €125 milhões em 2020, €231,4 milhões em 2021 e €201,8 milhões até março de 2022. Nestes três meses estiveram de baixa 983.719 pessoas, bem acima dos anos anteriores. Praticamente, o dobro das baixas foram por isolamento profilático, que absorveram 62% da despesa

€485

milhões entre 2020 e final de março de 2022 foram recebidos por sócios gerentes e recibos verdes, que passaram a ter apoio à quebra de atividade, num total de 276.565 pessoas. 62% dos apoios foram em 2020

baixas provocadas pela covid absorveram mais de metade de todos os apoios públicos concedidos neste período e cerca de 40% de todo o dinheiro gasto com subsídios de doença desde 2020. De resto, o grosso dos dinheiros públicos foram canalizados para as empresas, nomeadamente para a normalização da atividade económica e para pagar o prolongamento de alguns subsídios de desemprego (ver números que acompanham o texto).

Uma despesa inesperada

O surgimento da Ómicron e a sua virulência surpreendeu o próprio Governo. Quando, em outubro, João Leão desenhou a proposta do Orçamento do Estado para 2022, a pandemia de covid-19 parecia a caminho de ficar para trás e a despesa pública prevista no documento para este ano com medidas dirigidas ao seu combate era pequena e muito abaixo da registada em 2021.

Diretamente relacionadas com a pandemia, o quadro que sintetizava as principais medidas de política orçamental para 2022 elencava apenas a redução temporária da taxa de IVA para equipamento covid-19 (impacto negativo de €10 milhões na despesa) e consumos intermédios, incluindo despesa com vacinação e testes covid (com uma previsão de €400 milhões em termos de despesa).

A realidade foi bem diferente. Uma nova vaga de covid-19 atingiu o país, fazendo-se sentir desde o final de 2021, mais, sobretudo, em janeiro e fevereiro de 2022. O número de novos casos disparou, atingindo patamares que ainda não tinham sido vistos no país, apesar de a mortalidade ter ficado bem abaixo de 2021, fruto das elevadas taxas de vacinação em Portugal. O que obrigou o Governo a refazer as contas do impacto direto da pandemia sobre as contas públicas.

Já no Programa de Estabilidade 2022-2026, apresentado ainda por João Leão, a despesa pública prevista com medidas covid ultrapassa agora os €1300 milhões. Na desagregação deste total destaca-se, como maior parcela, €247 milhões para saúde pública — onde estão abrangidas as baixas por isolamentos profiláticos e os subsídios por doença —, um valor que está praticamente consumido só no primeiro trimestre. Seguem-se €230 milhões para o programa Apoio; €227 milhões para testes de diagnóstico à covid-19; €220 milhões para aquisição de vacinas e medicamentos covid e €183 milhões para apoio aos custos do trabalho (em medidas como o *lay-off* simplificado e o apoio à retoma, que em outubro o Governo não contava prolongar para este ano).

A proposta de Orçamento do Estado para 2022 contemplará estas verbas e ainda lhes junta pelo menos mais €809 milhões devido a outra crise: a guerra na Ucrânia.

CÁTIA MATEUS, ELISABETE MIRANDA e S.M.L.
cmateus@expresso.imprensa.pt

devido a aumentos de preços, nomeadamente de combustíveis”, elenca António Ascensão Costa, considerando que “o resultado final é incerto” em termos reais. Também João Borges de Assunção, considera que “a principal dificuldade é avaliar a evolução real tendo em conta a subida acentuada dos deflatores nas várias componentes da despesa, com destaque para o comércio externo”.

Para os próximos meses, os economistas esperam maior impacto negativo do conflito militar na Europa, sobretudo por causa da inflação e do abrandamento dos parceiros europeus. Como resultado, estão a rever em baixa os cenários de crescimento do PIB este ano.

“Antes de 24 de fevereiro preparávamo-nos para rever em alta o crescimento esperado em 2022”, lê-se numa nota de análise do BPI. Mas, a invasão russa da Ucrânia “veio inverter a tendência da revisão” e essa projeção baixou para 4,2%. Também o ISEG cortou a sua projeção para este ano, para 4,6%. E “os maiores riscos continuam a ser negativos”, vinca António Ascensão Costa. Quanto à Católica-Lisbon espera uma expansão de 4%. São números abaixo dos 4,9% antecipados pelo Banco de Portugal e dos 5% avançados pelo Governo no final de março, no Programa de Estabilidade. Mas, que podem ser revistos em baixa na proposta do OE-2022. Aliás, Fernando Medina terá de encaixar nas contas as medidas de resposta à crise energética e alimentar, ao mesmo tempo que enfrenta um cenário macroeconómico mais adverso. “Certo parece ser apenas que teremos taxas de crescimento abaixo do esperado, inflação acima do esperado e que os números do emprego parecem surpreender pela positiva”, remata Pedro Brinca.

slourenco@expresso.imprensa.pt

FRASES

“A incerteza é invulgarmente elevada devido aos fatores que afetaram o primeiro trimestre: número elevado de pessoas em isolamento em janeiro, preços da energia e da inflação e guerra na Europa”

João Borges de Assunção
Professor da Católica-Lisbon

“Não esperamos, em termos de produção real, que a guerra na Ucrânia tenha tido impactos negativos visíveis no primeiro trimestre”

António Ascensão Costa
Professor do ISEG

“Certo parece ser apenas que teremos taxas de crescimento abaixo do esperado, inflação acima do esperado e que os números do emprego parecem surpreender pela positiva”

Pedro Brinca
Professor da Nova SBE

O abrandamento por causa da guerra na Ucrânia ainda é pouco visível.

FOTO GETTY IMAGES